

Museus

Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques MELH

Museu Municipal Álvaro Viana de Lemos MAVL



Exposição

Agricultura Lusitana, MELH
Máscara – Corrida ao Entrudo,
DECA- Departamento de Comunicação e
Arte da Universidade de Aveiro

março

é o terceiro mês do ano no calendário gregoriano e um dos sete meses com 31 dias. Na antiguidade clássica, "março" era o 1.º mês do ano, e era designado por «*Martius*», em homenagem a Marte, deus da guerra.

A 20 de março, pelas 15:33, o sol cruza o plano do equador celeste. É o Equinócio da Primavera no hemisfério norte que marca oficialmente o início da estação. Durante o equinócio o dia e a noite têm sensivelmente a mesma duração, 12 horas. A partir desta data o período de luz é maior do que o de escuridão. Isto acontece porque a trajetória do sol no nosso céu descreve um arco cada vez mais longo e mais alto, estando todos os dias mais tempo acima do horizonte, indo atingir o seu máximo no solstício de verão, a 21 de junho.

O Entrudo ou Carnaval comemora-se sempre numa terça-feira e ocorre 47 dias antes da Páscoa. Na perspetiva de Benjamim Pereira, o Entrudo é uma das festividades cíclicas mais ricas no sentido popular, que originalmente tem uma estreita relação com o calendário agrícola. Sendo móvel e tendo cada ano uma data diferente, relaciona-se mais com o ciclo lunar. Possivelmente pode ter a sua origem nas festas pagãs, saturnais romanas, que indicavam o início da Primavera. Provém da palavra latina «*Introitus*», que significa entrada, acesso. Refere-se à entrada na Quaresma, que começa no dia a seguir ao Entrudo, isto é, na Quarta-Feira de Cinzas.

Em Portugal, desde a Idade Média que se comemora o Entrudo com brincadeiras que variam de região para região. O tempo do Entrudo é um tempo de liberdade autorizada, em que as comunidades permitem comportamentos não aceites no quotidiano. Na terça-feira gorda realiza-se o enterro do entrudo, dramatização do final do tempo de folia. Como continuação das festas do Entrudo, na quarta-feira a meados da Quaresma, realiza-se a Serração da Velha, antiga tradição popular, integrada nos rituais de passagem, ligada ao simbolismo da regeneração e renovação. **No concelho da Lousã, a tradição da Serração da velha é ainda mantida na freguesia de Serpins.** Em cortejo, enroladas num lençol branco e com uma vela acesa na mão, seguem os fiéis para o enterro da "velha". O caixão, carregado por quatro pessoas, leva a velha enrolada em trapos. Ao lado, o tabelião vai lendo o testamento pelas ruas de Serpins. No final, é lido o testamento pela última vez seguindo-se a queima da "velha".



Exposição Agricultura Lusitana / MELH

«Este mês destacamos a peça *Máscara – Corrida ao Entrudo*, criada pelos alunos do 2º ano da licenciatura em design do DECA- Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. O projeto tem como base de inspiração as máscaras de cortiça criadas pelos habitantes da Aldeia de Góis, e que são usadas na tradicional Corrida ao Entrudo. Tal como é tradição nestas aldeias, também nós fomos diretamente à natureza buscar a cortiça para construirmos e reinterpretarmos estas máscaras. A extração da cortiça dá-se a cada sete anos e os anéis interiores determinam a idade do sobreiro. Esta árvore, que produz a cortiça, é um dos símbolos nacionais.

O objetivo foi criar um objeto de luz em forma de máscara, além de duas pequenas máscaras, que transportam toda a riqueza cultural e histórica das Aldeias do Xisto. As duas peças foram trabalhadas de forma diferente. Ao criarmos as máscaras pequenas, decidimos não sucumbir ao sentido literal de máscara; estas são assim uma representação».

In: Catálogo da exposição "Agricultura Lusitana", ed. 2015, p. 262

Sabia que...

No séc. XV, durante as festividades do Entrudo português, generalizava-se pelas ruas uma verdadeira luta com ovos, cartuchos de pó de goma, cabaças de cera com água, tremoços, tubos de vidro ou feijão que se despejavam aos alqueires sobre as cabeças dos transeuntes. Em alguns pontos do país atiravam-se à rua ou de janela para janela, púcaros e tachos de barro e alguidares já em desuso.

março

Peça do mês | MELH Preguiça, Luxúria e Ira

[MELH [2616, 2641, 2596]

«É carnaval, ninguém leva a mal!»

Nos folguedos de março, tempo de folia, divertimento e transgressão elegemos como peça do mês a trilogia *Preguiça, Luxúria e Ira*, da série *Sete Pecados Mortais*, da ceramista portuguesa Júlia Ramalho. Uma coleção de figuras endemoninhadas, estranhas e grotescas, pertencentes a um universo surreal e fantasmagórico, exemplos do ímpeto criativo que consagraram como absolutamente único o trabalho da barrista.

Júlia Ramalho está entre os maiores representantes do artesanato e da cultura barcelenses e é, seguramente, uma das artistas populares mais conhecidas dos portugueses, sendo a sua obra facilmente identificada pelo uso do barro vidrado em tons de mel.

Nasceu a 3 de maio de 1946, em Galegos – São Martinho, concelho de Barcelos. Neta da célebre ceramista Rosa Ramalho, de quem foi discípula muito nova, herdou da avó o gosto pela olaria e o talento criativo. Medusas, bacos, diabos trovadores, figuras fantásticas, o padre Inácio e os sete pecados mortais são algumas das peças mais famosas da artista.

Sugestões para Ler

«Carnaval-História e Identidade»

Carlos Guardado da Silva [Ed. Colibri, 2016]

Com textos de autores nacionais e internacionais, sob a coordenação de Carlos Guardado da Silva, através dos quais nos é possível obter uma visão alargada sobre o Carnaval, desde as suas origens até à atualidade.



Datas Comemorativas

1 de março – Entrudo

2 de março – Quarta-feira de Cinzas/Quaresma

8 de março – Dia Internacional da Mulher

19 de março – Dia do Pai

20 de março – Equinócio da Primavera

21 de março – Dia Mundial da Árvore e da Poesia

22 de março – Dia Mundial da Água

26 de março – Dia do Livro Português
Hora do Planeta

27 de março – Dia Mundial do Teatro

Sugestões para Ver

«Máscaras de Trás-os-Montes»

[RTP1, 1974; 00:20]

Programa sobre as máscaras utilizadas em Trás-os-Montes na Festa dos Rapazes e na Festa de Santo Estevão, sobretudo nas regiões de Bragança e Mogadouro, com depoimentos de Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamin Pereira.

Disponível em:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/mascaras-de-tras-os-montes/>



Personalidade do mês

Carolina Viana de Lemos [1917-2016]



Natural de Coimbra, filha de Álvaro Viana de Lemos, patrono do Museu Municipal com o mesmo nome, faleceu no dia 23/12/2016, com 98 anos de idade. Professora, dirigente sindical e ativista incansável, não só pelas causas do ensino, mas também pelos direitos humanos e de cidadania. Pelo seu percurso ímpar, as suas características pessoais e sua cidadania, pelo trabalho realizado enquanto Professora Primária e a sua ligação às comunidades em que trabalhou, foi-lhe atribuída, em 8 de maio de 2004, a Ordem da Instrução Pública pelo, então, Presidente da República Jorge Sampaio.

Perpetuou a memória de seu pai e renovou a amizade que sentia pela Lousã, doando grande parte do espólio documental e artístico à biblioteca e ao museu. Esse legado tem vindo a traduzir-se em conhecimento, sob a forma de monografias, artigos, exposições e trabalhos académicos, cumprindo, dessa forma, a missão de preservar para as gerações futuras.

Peça do mês | MAVL

« A Mulher na Marcha da Civilização » [Arquivador 7, n.º 2932]

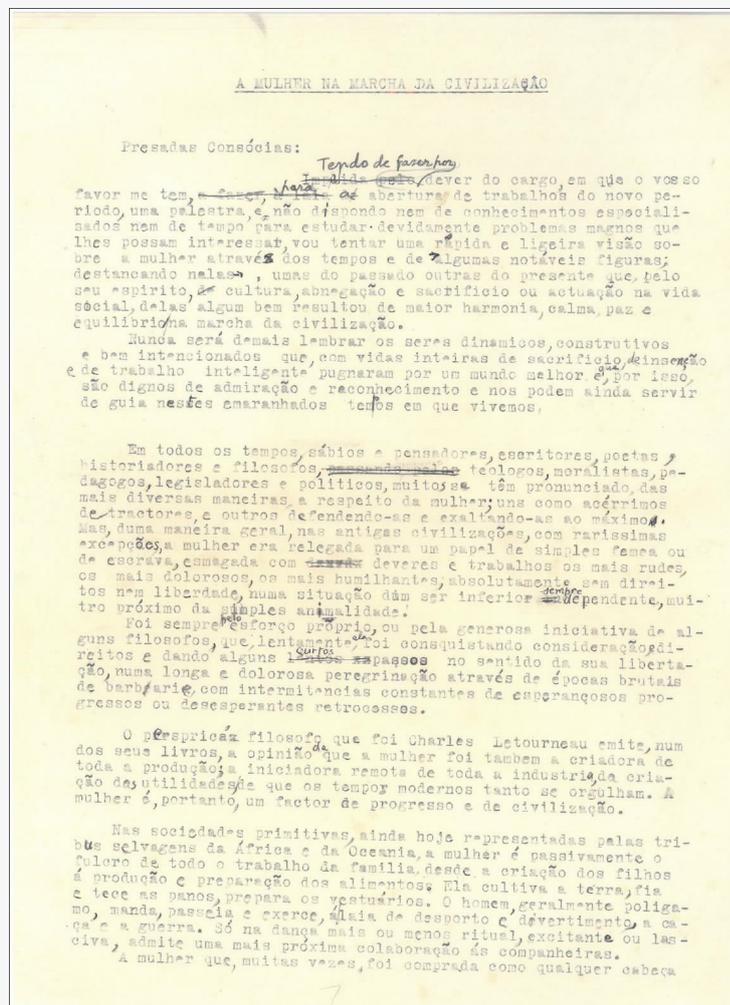
Autor: Álvaro Viana de Lemos

Texto de Álvaro Viana de Lemos sobre a Mulher na Marcha da Civilização, de 1932.

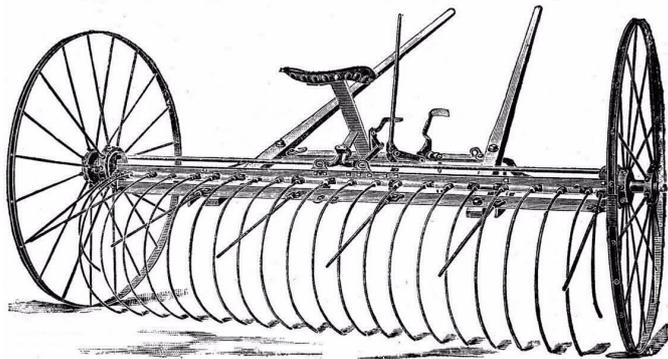
“(…) Nunca será demais lembrar os seres dinâmicos, construtivos e bem intencionados que, com vidas inteiras de sacrifício, de isenção e de trabalho inteligente pugnam por um mundo melhor e que, por isso, são dignos de admiração e reconhecimento e nos podem ainda servir de guia nestes emaranhados tempos em que vivemos ...”

O documento na íntegra (8 páginas) está disponível para consulta no MAVL.

Venha conhecer!



Agricultura e Jardinagem



«Quando Março sai ventoso, sai Abril chuvoso»

Preparar a terra para o milho e batata (de regadio), e nas regiões com menos geada semear trigo, aveia, centeio, e cevada. No Minguante podar ainda as árvores frutíferas e continuar os seus tratamentos. As laranjeiras devem ser pulverizadas com cal em pó ou em leite. Resinar os pinheiros. Concluir as trasfegas do vinho e na vinha combater o oídio.

Na horta preparar as estacas para feijões e ervilhas. Semear abóbora, alface, beterraba, couves, nabiça, ervilha, espinafre, feijão, melancia, salsa, tomate, etc. Colher cebolas brancas e cebolinhas, rabanetes e azedas. No jardim semear amores-perfeitos, cravos, crisântemos, dalias, etc. Colher flores de tulipas serôdias, campainhas brancas, narcisos e goivas.

In: *Borda D'Água*, Editorial Minerva, Ed. 2022

Roubaram ao moleirinho [Cantiga do Entrudo]

Letra e música: Tradicional (Beira Baixa)

*Roubaram ao moleirinho
Ai! A filha por o telhado
Julgando que era toucinho
Ai! Que estava dependurado.*

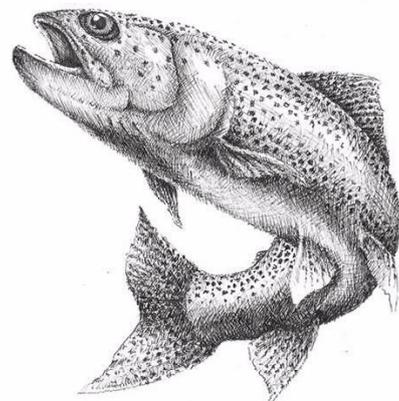
*Oh entrudo, oh entrudo!
Ai! Oh entrudo, oh meu bem!
Moças não trazem laranjas,
Ai! Custa-lhe o par a vintém.*

*Oh entrudo, oh entrudo!
Ai! Oh entrudo chocalheiro,
Que não deixas assentári
Ai! As mocinhas ao soalheiro!*

Primavera

Sabores da TERRA da Lousã

Peixe do Rio



Ingredientes:

- Peixe do rio (trutas);
- Farinha;
- Azeite ou óleo;
- Alho;
- Louro;
- Pimenta ou piri-piri;
- Vinho branco;
- Vinagre;
- Sal;
- Salsa picada.

Modo de confeção:

Amanha-se o peixe e tempera-se com sal.

Frita-se em azeite ou óleo depois de enxuto e passado por farinha.

Pode-se comer assim como merenda ou com um molho feito no azeite de fritar, ao qual se junta o alho picado, louro, pimenta ou piri-piri, vinho branco, vinagre e salsa picada, ficando assim um molho mais espesso.

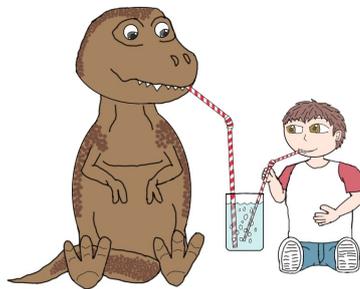
In: *Roteiro de Gastronomia*, Ed. BML/CML, 1992

Sabia que ...

No Centro e Norte do país, onde a montanha existe, a truta galga seixos e contraria correntes? É um dos peixes mais cobiçados da água doce, elemento obrigatório dos pratos nobres do interior serrano.

É à chegada das chuvas de Outono, aquelas que engordam o caudal dos rios, que as trutas arranjam espaço para correrem até à desova. Esta estende-se pelo Inverno adentro. Em março, terminado o processo, entra a época da pesca.

Na Lousã, a truta era especialmente apreciada pelas povoações perto das correntes de água – Ribeira de São João e Rio Ceira, nas povoações de Foz de Arouce, Casal de Ermio e Serpins.



22 de março Dia Mundial da Água

No dia 22 de março celebramos o **Dia Mundial da Água**, o nosso ouro azul, que cobre mais de 70 % da superfície da Terra e constitui 80% do teu corpo. Foi na água que a vida na Terra começou, pelo que não é surpreendente que todos os organismos que vivem no nosso planeta azul necessitem de água. Infelizmente, nos últimos dois séculos, a água – mares, oceanos, rios, lagoas, etc. - tornou-se o final da viagem para muitos poluentes libertados na natureza.

Apesar do tema da poluição ser muito importante e sério, não é disso que vamos falar aqui hoje.

Hoje propomos-te uma viagem ao passado!

No nosso dia a dia é fácil esquecermo-nos do quanto a água é preciosa. Basta-nos abrir a torneira e temos água para beber, cozinhar, tomar banho. Mas nem sempre foi assim (e continua a não ser assim em muitas regiões do planeta).

Em Portugal, em meados do século passado, eram muitas as casas que não tinham água canalizada. Transportar a água para os gastos da casa e para os animais era, por si só, uma tarefa muito complexa e demorada, e feita várias vezes ao dia. As pessoas iam buscar água aos rios e às fontes, transportando-a em **bilhas e cântaros de barro**. Eram vários os utensílios de barro que serviam para o transporte e armazenamento da água: bilhas, cântaros, moringues, jarras, etc. O MELH dispõe de uma grande coleção destes objetos. Vem conhecê-los!

Nas cidades e vilas o transporte de água era feito pelos **Aguadeiros**, uma profissão que desapareceu com o aparecimento da água canalizada. Os aguadeiros abasteciam-se de água nas fontes e chafariz e transportavam-na em pipos, levando-a depois às casas. A água era despejada diretamente nos cântaros de barro colocados nos poiais das cozinhas.

No MELH, no **Núcleo do Inverno**, temos exposto o pipo aguadeiro do Sr. José Henriques. Convidamos-te a passar pelo museu para conheceres a sua história.

Ficamos a aguardar a tua visita!

Sabias que ...

A água que bebemos hoje é feita das mesmas partículas minúsculas, chamadas moléculas, que estão na Terra há bilhões de anos. Algumas dessas moléculas podem ter estado numa poça de água que um dinossauro há 150 milhões de anos atrás! Isto, trocado por miúdos, significa que bebes a mesma água que bebiam os dinossauros! E como é que isso pode ser?

Á água que vês nos mares, nos rios, nos lagos, nos glaciares e nas nuvens é sempre a mesma, o que acontece é que ela vai circulando no planeta fazendo um percurso chamado **Ciclo da Água**, que a recicla e limpa continuamente.

Mas se a quantidade é sempre a mesma, por que tanta preocupação com a falta de água no planeta? Porque apesar da quantidade de água é diferente e, graças à poluição, a água tem vindo a perder qualidade.

Apenas 2,7% da água mundial pode ser consumida. Ou seja, se toda a água do mundo coubesse numa garrafa de 1 litro apenas meia gotinha seria potável.



“a quem faz pão ou poema / só se muda o jeito à mão / e não o tema”

Agostinho da Silva

A Liga dos Amigos do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques não pode deixar de se associar a este pensamento no Dia Internacional da Mulher, sobretudo celebrando a Mulher Rural e o seu papel na sociedade. A mulher rural existe.

De acordo com estatísticas da ONU “*Quase um terço de todas as mulheres no mundo trabalha na agricultura.*” Embora O Dia Internacional da Mulher Rural seja celebrado a 15 de outubro, (Resolução 62/136 da Assembleia Geral da ONU) devemos lembrar aqui a importância que a mulher tem na comunidade em que se insere numa multiplicidade de áreas, nomeadamente na vida agrícola, onde vivem e resistem, produzem, criam, preservam, cuidam da família, do alimento, muitas vezes, de subsistência, das sementes, da terra, da água e dos solos em variadíssimos contextos socioeconómicos, políticos e ambientais.

A mulher rural enfrenta muitas barreiras quer estruturais (acesso à educação, cuidados de saúde), de discriminação social e pobreza, representando um exemplo de resiliência na adversidade. Efetivamente devemos enaltecer a sua capacidade de resistência ao fazer face às alterações climáticas, à violência económica, à dificuldade no acesso aos cuidados básicos, às desigualdades de género, ao respeito pela sua dignidade e direitos.

“*Ouvir as mulheres rurais e ampliar as suas vozes é essencial para espalhar o conhecimento quer sobre alterações climáticas, quer outras e, com isso, obrigar os governos, empresas e líderes comunitários a agir.*” A mulher Rural é poema. Parafraseando Ary dos Santos ela é *mulher-asa, mulher-força, mulher-chama.*

Mulher, de Ary dos Santos

*«A mulher não é só casa
mulher-loiça, mulher-cama
ela é também mulher-asa,
mulher-força, mulher-chama*

*E é preciso dizer
dessa antiga condição
a mulher soube trazer
a cabeça e o coração*

*Trouxe a fábrica ao seu lar
e ordenado à cozinha
e impôs a trabalhar
a razão que sempre tinha*

*Trabalho não só de parto
mas também de construção
para um filho crescer farto
para um filho crescer são*

*A posse vai-se acabar
no tempo da liberdade
o que importa é saber estar
juntos em pé de igualdade*

*Desde que as coisas se tornem
naquilo que a gente quer
é igual dizer meu homem
ou dizer minha mulher»*